

REX
A SEGUNDA
CONFISSÃO
STOUT

TRADUÇÃO
Renata Guerra



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1949 by Rex Stout

Publicado originalmente por Viking, em setembro de 1949

Proibida a venda em Portugal

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original:
The second confession

Projeto gráfico de capa:
Elisa v. Randow

Foto de capa:
Ana Ottoni

Preparação:
Paula Colonelli

Revisão:
Ana Maria Barbosa
Isabel Jorge Cury

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Stout, Rex, 1886-1975.

A segunda confissão / Rex Stout ; tradução Renata Guerra.
— São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original: The second confession
ISBN 978-85-359-1744-4

1. Ficção norte-americana I. Título.

10-09244

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

2010

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707 3500

Fax (11) 3707 3501

www.companhiadasletras.com.br

1

“Não me importei nem um pouco”, disse nosso visitante, de maneira abrupta mas afável. “É um prazer.” Olhou em volta. “Gosto de lugares onde há homens trabalhando. E este é bom.”

Eu ainda estava digerindo minha surpresa pelo fato de ele ter realmente o aspecto de um mineiro, ou pelo menos da ideia que eu fazia de um mineiro, com ossos grandes, a pele curtida e mãos que provavelmente estariam mais à vontade segurando um cabo de enxada. Mas com certeza não era para manejar uma enxada que ele era pago no exercício da presidência da Continental Mines Corporation, com sede na Nassau Street, perto da Wall.

Também fiquei surpreso com o tom que ele usou. Na véspera, depois que uma voz masculina se identificou pelo telefone e perguntou quando Nero Wolfe poderia ir a seu escritório, tive de explicar por que me via obrigado a dizer que nunca. A conversa terminou com um encontro marcado para as onze da manhã seguinte, no escritório de Wolfe. Obedecendo a um procedimento rotineiro sobre clientes potenciais, liguei para Lon Cohen, na *Gazette*. Lon me disse que James U. Sperling só não arrancava orelhas com os dentes porque preferia comer cabeças inteiras, com ossos e tudo. Mas ele estava ali, escarrapachado na cadeira de couro vermelho perto da ponta da mesa de Wolfe, com o jeito de um operário simpático e grandalhão, e pronunciou aquelas palavras iniciais quando Wolfe come-

çou a conversa explicando que nunca saía do escritório a trabalho e lamentando que Sperling tivesse sido obrigado a vir até nós, na 33 Oeste, perto da Sétima Avenida. Ele tinha dito que era um prazer!

“Será, com certeza”, murmurou Wolfe em tom satisfeito. Estava atrás da mesa, recostado em sua cadeira feita sob encomenda, com garantia para pesos de até um quarto de tonelada, uma garantia que algum dia seria realmente posta à prova se seu dono não tomasse jeito. E Wolfe acrescentou: “Se me contar qual é seu problema talvez eu possa transformar sua viagem num bom investimento”.

Sentado a minha própria mesa, que ficava em ângulo reto com a de Wolfe e a pequena distância dela, me permiti um sorriso discreto. Como a situação do saldo bancário de Wolfe não exigia o uso de pesadas técnicas de persuasão para fisgar um cliente, eu sabia por que ele esbanjava gentileza. Estava sendo sociável só porque Sperling gostara do escritório. Wolfe não gostava do escritório, no primeiro andar de sua velha casa de pedra. Ele não gostava, e sim o adorava, o que era ótimo, já que estava passando a vida ali — a não ser quando se encontrava na cozinha com Fritz, ou na sala de jantar em frente ao vestíbulo na hora das refeições, ou dormindo no andar de cima, ou nos viveiros de plantas que havia no terraço, admirando as orquídeas e fingindo ajudar Theodore com o trabalho.

Meu sorrisinho se interrompeu quando Sperling me dirigiu uma pergunta: “Seu nome é Goodwin, não é? Archie Goodwin?”.

Confirmei. Ele se dirigiu a Wolfe.

“É um assunto confidencial.”

Wolfe assentiu. “A maior parte dos assuntos discutidos neste escritório é dessa natureza. É uma constante no trabalho de detetive. Goodwin e eu estamos habituados a isso.”

“É uma questão de família.”

Wolfe franziu a testa e eu fiz o mesmo. Com essa in-

trodução, havia dezenove chances em vinte de que nos pedisse para seguir uma esposa, o que estava fora de cogitação para nós. Mas James U. Sperling prosseguiu.

“Digo isso porque de qualquer forma o senhor ficaria sabendo.” Meteu a mão no bolso superior do casaco e sacou um grosso envelope. “Estes relatórios vão informá-lo de tudo. São da Agência de Detetives Bascom. O senhor os conhece?”

“Conheço Bascom.” Wolfe continuava com a testa franzida. “E não gosto de seguir por caminhos que já tenham sido trilhados.”

Sperling continuou. “Eles trabalharam para mim em assuntos de negócios e me pareceram competentes, de modo que procurei Bascom para isto. Queria informações sobre um homem chamado Rony, Louis Rony, e eles procuraram durante um mês inteiro e não conseguiram nada, e preciso disso com urgência. Ontem decidi dispensá-los e experimentar o senhor. Tomei informações e, se o senhor merece a reputação que tem, eu deveria ter vindo aqui antes.” Sorriu como um anjinho, o que me surpreendeu mais uma vez e me convenceu de que ele continuaria cauteloso. “Aparentemente, o senhor não tem rival.”

Wolfe grunhiu, tentando não parecer lisonjeado. “Havia um homem em Marselha, mas não está disponível nem fala inglês. Qual é a informação que o senhor deseja sobre Rony?”

“Quero uma prova de que ele é comunista. Se o senhor a conseguir, e sem demora, pode me cobrar o que bem entender pelo serviço.”

Wolfe balançou a cabeça. “Não trabalho nessas condições. O senhor não sabe se ele é comunista, pois se soubesse não se disporia a pagar tanto por uma prova. E se ele não for, não posso conseguir provas de que seja. Quanto a cobrar o que eu bem entender, é o que sempre faço. Só que cobro pelo que faço, e não posso fazer algo que esteja excluído pelas circunstâncias. O que desencavo

depende necessariamente daquilo que estiver enterrado, mas não da extensão de minha escavação, nem de meus honorários.”

“O senhor fala muito”, disse Sperling com impaciência mas sem grosseria.

“É mesmo?” Wolfe fixou o olho nele: “Então fale o senhor”. Balançou a cabeça para meu lado: “Seu bloco, Archie”.

O mineiro esperou que eu preparasse o bloco, aberto numa página em branco, e começou a falar pausadamente, como soletrando uma lição. “L-o-u-i-s R-o-n-y. No catálogo telefônico de Manhattan estão os números de seu escritório de advocacia e de sua residência, um apartamento... De qualquer modo, está tudo aqui. “Apontou para o envelope grosso, que tinha atirado sobre a mesa de Wolfe. “Tenho duas filhas: Madeline, de vinte e seis anos, e Gwenn, de vinte e dois. Gwenn é tão inteligente que há um ano formou-se com louvor no Smith College, e estou quase certo de que é ajuizada, embora seja extremamente curiosa e torça o nariz para as convenções. Ela ainda não conseguiu se libertar da ideia de que é possível ter independência sem conquistá-la. Entendo que seja romântica nessa idade, mas ela exagera, e acho que o que mais a atraiu nesse homem, Rony, foi a fama de defensor dos fracos e oprimidos que ele conquistou à custa de livrar criminosos do castigo merecido.”

“Acho que já ouvi esse nome”, sussurrou Wolfe. “Não ouvi, Archie?”

Fiz que sim. “Eu também. Foi ele quem livrou a cara daquela fulana, traficante de crianças, há alguns meses. Parece que está a caminho das primeiras páginas dos jornais.”

“Ou da cadeia”, cortou Sperling, e não havia nada de angelical em seu tom. “Acho que lidei mal com essa besteira e tenho a certeza de que minha mulher também. Foi o mesmo erro de sempre, e só Deus sabe por que os

pais continuam a cometê-lo. Chegamos a dizer a ela, e a Rony também, que ele não seria mais recebido em nossa casa, e é claro que você imagina qual foi a reação. A única concessão que ela fez, e duvido que tenha sido por nossa causa, foi nunca chegar em casa depois de escurecer.”

“Ela está grávida?”, perguntou Wolfe.

Sperling ficou tenso. “O que foi que o senhor disse?” A voz dele tornou-se de repente tão dura quanto o mais duro minério já encontrado em qualquer mina. Sem dúvida ele esperava compelir Wolfe a fazer de conta que não tinha aberto a boca, mas não conseguiu.

“Perguntei se sua filha está grávida. Se a pergunta for irrelevante eu a retiro, mas certamente não é descabida, já que ela torce o nariz para os costumes.”

“Ela é minha filha”, disse Sperling no mesmo tom duro. Então, inesperadamente, sua rigidez desapareceu. Todos os músculos contraídos se distenderam, e ele riu. Ao rir emitia um rugido, e era isso mesmo que pretendia. Depois conteve o riso o suficiente para poder falar. “Ouviu o que eu disse?”, perguntou.

Wolfe assentiu. “Se é que posso acreditar em meus ouvidos.”

“Pode, sim.” Sperling deu um sorriso angelical. “Suponho que para qualquer homem esse seja um ponto dos mais delicados, mas me reservo o direito de lembrar que não sou um homem qualquer. Até onde sei minha filha não está grávida, e ela mesma ficaria surpresa se estivesse. Não se trata disso. Há pouco mais de um mês, minha mulher e eu decidimos corrigir o erro que tínhamos cometido e dissemos a Gwenn que Rony seria bem-vindo a nossa casa sempre que ela quisesse. No mesmo dia, pus Bascom atrás dele. O senhor está certo quando diz que se eu pudesse provar que ele é comunista não estaria aqui, mas estou convencido de que ele é.”

“O que o levou a essa convicção?”

“O jeito como ele fala, a maneira como eu o analisei,

a maneira como ele exerce a profissão — e coisas que estão nos relatórios de Bascom; o senhor verá quando os ler...”

“Mas Bascom não conseguiu provas.”

“Não. Que se dane.”

“O que o senhor entende por comunista? Um liberal? Um intelectual progressista? Um membro do partido? De que ponto da esquerda o senhor parte?”

Sperling sorriu. “Depende de onde eu estiver e com quem estiver falando. Há ocasiões em que pode ser conveniente aplicar o termo a qualquer pessoa à esquerda do centro. Mas com o senhor estou sendo realista. Acho que Rony é membro do Partido Comunista.”

“Quando o senhor tiver a prova, se a conseguir, o que vai fazer com ela?”

“Mostrá-la a minha filha. Mas tem de ser uma prova. Ela já sabe o que penso. Disse-lhe isso há muito tempo. Claro que ela contou a Rony, e ele me olhou nos olhos e negou.”

Wolfe grunhiu. “O senhor pode estar perdendo tempo e dinheiro. Mesmo que consiga a prova, o que acontecerá se sua filha tomar a carteirinha do Partido Comunista como uma credencial para o romance?”

“Ela não fará isso. No segundo ano da faculdade, ela se interessou pelo comunismo e aderiu a ele, mas não demorou a abandoná-lo. Ela diz que o comunismo é desprezível do ponto de vista intelectual e falacioso sob o aspecto moral. Eu lhe disse que ela é muito inteligente.” Os olhos de Sperling saltaram para mim e de volta para Wolfe. “A propósito, o que pensam o senhor e Goodwin? Como já disse, me informei sobre os senhores, mas há alguma possibilidade de estar cometendo uma gafe?”

“Não”, garantiu Wolfe. “Embora, é claro, só os fatos possam nos avaliar. Concordamos com sua filha.” Olhou para mim: “Não é?”

Assenti. “Totalmente. Gostei do modo como ela vê a

questão. O melhor que posso dizer é ‘um comuna é um parasita’ ou algo assim.”

Sperling me olhou desconfiado. Parecia achar que eu tinha problemas de QI e voltou-se para Wolfe, que estava falando.

“Qual é exatamente a situação?”, perguntou. “Existe a possibilidade de que sua filha já tenha se casado com Rony?”

“Por Deus, não!”

“Como é que o senhor sabe?”

“Tenho certeza. Isso é um absurdo... Mas é claro, o senhor não a conhece. Ela não é de dissimular... E seja como for, se decidir se casar com ele vai falar comigo, ou com a mãe, antes mesmo de falar com ele. É isso o que ela faria...” Sperling parou de repente e endureceu a expressão. Depois de um instante relaxou e prosseguiu: “E é disso que tenho medo agora, todos os dias. Se ela se comprometer, tudo estará acabado. Digo-lhe que é urgente. É de uma urgência desgraçada!”.

Wolfe recostou-se na cadeira e fechou os olhos. Sperling olhou para ele um instante, abriu a boca, tornou a fechá-la e olhou para mim inquisitivamente. Fiz um gesto de cabeça. Quando, depois de mais alguns minutos, Sperling começou a abrir e fechar o punho ossudo, tranquelizei-o.

“Está tudo bem. Ele nunca dorme durante o dia. A cabeça dele funciona melhor quando não está me vendo.”

Finalmente, as pálpebras de Wolfe se abriram e ele falou: “Se o senhor me contratar”, disse a Sperling, “deve ficar claro para quê. Não posso me comprometer a provar que Rony é comunista, mas apenas a descobrir se existem provas disso e, nesse caso, apresentá-las se for possível. Gostaria de pegar o caso, mas isso parece ser uma limitação desnecessária. Podemos definir as coisas um pouco melhor? Tenho entendido que o senhor quer que sua filha desista de se casar com Rony e deixe de convidá-lo para ir a sua casa. Esse é seu objetivo, certo?”.

“Sim.”

“Então por que limitar minha estratégia? Com certeza posso tentar encontrar provas de que ele é comunista, mas e se não for? E se ele for, mas não conseguirmos provar isso de maneira convincente para sua filha? Por que restringir a operação a essa única expectativa, que provavelmente está fadada ao insucesso, já que Bascom levou um mês nela e fracassou? Por que não me contrata para atingir seu objetivo de qualquer maneira? Claro que dentro dos limites admissíveis para homens civilizados. Eu ficaria mais à vontade para aceitar um adiantamento, que seria um cheque de cinco mil dólares.”

Sperling pensou um pouco. “Que droga, ele é comunista!”

“Eu sei. O senhor tem essa ideia fixa, que pode não ser isenta. Vou tentar essa hipótese primeiro. Mas o senhor quer excluir as demais?”

“Não, não quero.”

“Muito bem. Estabeleci... Entre, Fritz.”

A porta do vestibulo se abriu, e Fritz apareceu.

“Hewitt está aqui, senhor. Ele diz que tem uma entrevista. Deixei-o na sala da frente.”

“Sim”, disse Wolfe, olhando para o relógio de parede. “Diga que estarei com ele em poucos minutos.” Fritz saiu, e Wolfe continuou a falar a Sperling:

“Estabeleci corretamente seu objetivo?”

“Perfeitamente.”

“Então vou ler os relatórios de Bascom e me comunicarei com o senhor. Até logo. Que bom que gostou do meu escritório...”

“Mas isso é urgente! O senhor não pode perder nem um minuto!”

“Sei disso.” Wolfe tentava continuar sendo cortês. “Essa é outra das características dos assuntos tratados neste escritório: urgência. Agora tenho uma entrevista, depois vou almoçar e entre quatro e seis da tarde estarei ocupado

com minhas plantas. Mas seu caso não precisa esperar por isso. Goodwin lerá os relatórios imediatamente e depois do almoço irá a seu escritório para saber de todos os detalhes necessários... Digamos que às duas?"

James U. Sperling não ficou nem um pouco satisfeito. Ao que parece, estava decidido a passar o dia dedicado a salvar a filha de um destino pior do que a morte, sem parar nem para as refeições. Estava tão descontente que simplesmente grunhiu em concordância quando o acompanhei até a porta e lhe recordei amavelmente que me esperasse em seu escritório às duas e quinze e que se poupasse do trabalho de enviar o cheque pelo correio, entregando-o a mim na ocasião. Levei um tempo inspecionando sumariamente a comprida limusine preta Wethersill que esperava por ele ao lado do meio-fio antes de voltar ao escritório.

A porta da sala da frente estava aberta, e dava para ouvir a voz de Wolfe e a de Hewitt. Como o interesse deles estava lá em cima com as plantas, e não iam usar o escritório, peguei o volumoso envelope que Sperling deixara na mesa de Wolfe e me acomodei para ler os relatórios de Bascom.